

Longe do centro do império, desenvolveram as gentes desta região que habitamos, uma língua própria a partir de falares periféricos e pouco eruditos, cavando, pouco a pouco, distâncias com o latim de Roma. Esses falares designam-se genericamente por **latim vulgar**.

Nas sociedades, que depois dos anos 60 foi moda chamar periféricas, nas quais se inclui Portugal, vive-se num desprezo por tudo o que é público acompanhado numa vaga entusiasmo de privilégios por quase tudo o que é privado. Os novos feudos são um retrato de pós-modernidade, com o saborzinho agriço da pré-modernidade. Fala-se aqui de tantas privatizações: "o que é público não pode funcionar bem" – é o novo aforismo dos vulgares, tão longe e tão perto do centro do império.

O nosso periférico habitua-se bem à nova panaceia, ele afinal sempre olhou para a "coisa pública" desde o seu minifúndio. À sacholada o defendeu.

Quem já calcorreou Marraquexe entreviu o contraste entre a pobreza da rua de todos e a riqueza discreta dos palácios de poucos – condomínios fechados. Noutra ponta dos arredores, encerram-se frustrados Ferraris em garagens do Vale do Lima, do Sousa, do Tâmega. As ruas, essas que são de qualquer um, não são de ninguém - são baratas e fáceis de desprezar, umas públicas.

Vejo a vizinha que varre as suas escórias domésticas até à porta de casa, essa fronteira psicológica onde o Lar acaba e a terra de ninguém começa.

1.

A personagem da video-instalação, "**as mãos sujas**", dedica as suas noites a saquear os jardins públicos da cidade do Porto, esses cenários novecentistas. O objectivo é simples: roubar as plantas que os decoram e que durante o dia acompanham pombos, cansados e namorados. A actividade é tranquila, em breve a sua casa estará florida, uma flor na lapela. E nem os pássaros o são nestes jardins, sou eu próprio que lhes imito o canto – que acompanha o furto.

2.

Ainda me lembro dos tempos em que uma bandeira na janela indicava um edifício público, uma escola, tribunal, a junta...

Os tempos são outros, as bandeiras muitas. Perante a enorme procura aconteceu à "Casa das Bandeiras" a mesma coisa que à economia nacional: foi ultrapassada pela sempre disponível indústria "lá de fora". O problema é que os chineses não entendem nada de castelos árabes e menos ainda de heráldica.

Sosseguem os puristas: a bandeira da selecção - a dos pagodes - e a bandeira nacional não são a mesma!

Mas a questão fica enterrada por aqui? Porque há razões para duvidar, senão vejam: qualquer dicionário da língua portuguesa esclarece - "pagode" - é uma construção pagã, não cristã. Árabe, chinesa, ucraniana talvez...

Este na parede é o verdadeiro castelo da bandeira nacional – "**o verdadeiro pagode**" reconhecido pela presidência da nação em <http://www.presidencia-republica.pt/pt/republica/simbolos/>
Pagode também significa "divertimento", "pândega", alguém se tinha esquecido?

3.

Uma predilecção pela política vegetal:

A observação botânica no meu trabalho recente (retrospectiva):

Em 2001, na Associação "Abril em Maio", Lisboa, dediquei-me a partir vasos de barro.¹ Estes são representações algo ridículas do natural, como aquários. De certa forma são uma imagem de domesticação de algo que não pode ser domesticado, que não nos cabe em casa. Parti-os. A terra, as raízes, sujeitadas desde sempre àquela forma estranha não se adaptaram imediatamente à sua nova condição liberta. Antes conservaram a antiga forma do vaso.

Em 2003, filmei todas as plantas ditas daninhas que nascem e vivem, como imigrantes ilegais, na Praça de Espanha de Barcelona entre ranhuras e cimentos. Este vídeo foi apresentado na Sala de Arte Contemporânea de Reus (Catalunha) como parte do projecto "Comodidade Europeia – serviços de repatriamento 24h" que tenho vindo a desenvolver, por vezes em companhia dos ditos "sem-papeis".

1. em colaboração com Ana Medeira e Eva Roldán

Ângelo Ferreira de Sousa

Ficha técnica:

"As mãos sujas" – mesa de bilhar, açúcar, plantas em vasos, televisão e dvd (11') – som: "imitação dos pássaros", voz de Ângelo FS - Salão Olímpico, Porto, 2004

"O verdadeiro pagode" – pastilhas elásticas sobre parede – Porto, 2004